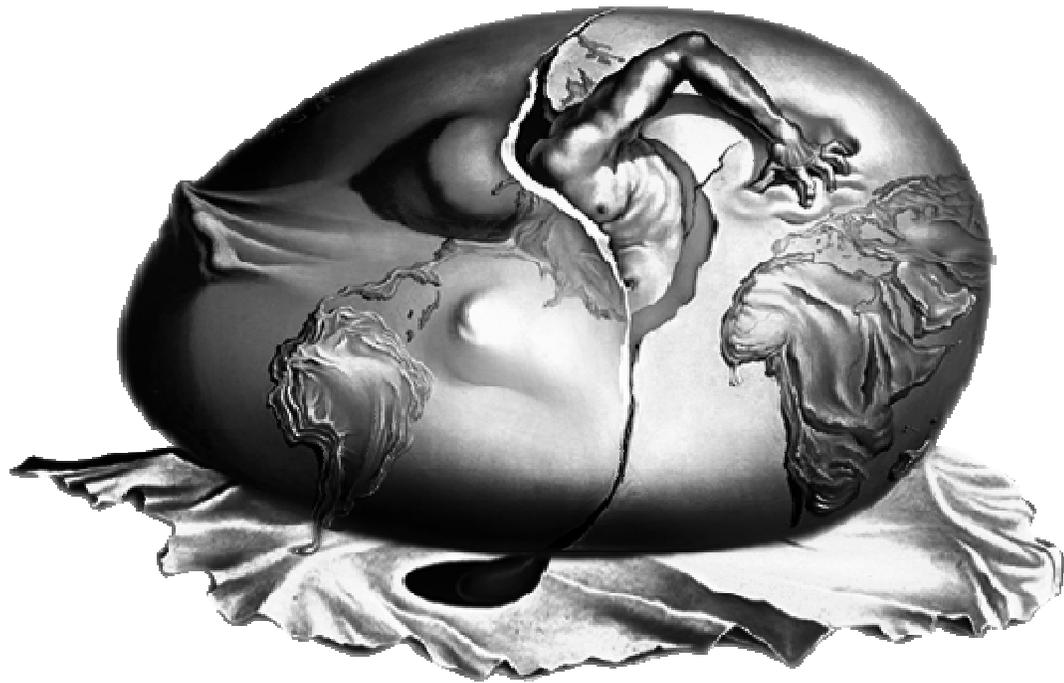


BOLETIM *PRESENÇA*

ANO II, nº 06, 1995



UNIR

TECHNE RHETORIK

OSVALDO DUARTE *

Resumo

Apresento aqui uma possibilidade de leitura para a Mensagem. Para tal, valemos da Retórica Antiga, tentando comutar para o poema as diversas partes da rede persuasiva. Se Camões procura ressaltar a feição épica e factual de todos os seus reis e heróis, se glorifica a grandeza histórica de Portugal, a voz da Mensagem procura lembrar saudosa e melancolicamente um passado embalsamado de heroísmo na interioridade do poeta, e alçar o destino ao futuro que se pretende realizado de grandeza.

Palavras-Chave: Mensagem e Retórica.

Abstract

I present a reading possibility here for the Message. For such, we were worth ourselves of the Old Rhetoric, trying to commute for the poem the several parts of the persuasive net. If Camões tries to point out the epic feature and all your kings' factual and heroes, the historical greatness of Portugal, the voice of the Message is glorified he/she tries to recollect longing and melancolicamente an embalmed past of heroism in the poet's interior-age, and to raise the destiny to the future that she intend accomplished of greatness.

Key-Words: Message and Rhetoric.

Apresento aqui uma possibilidade de leitura para a **Mensagem**. Para tal, valemo-nos da Retórica Antiga, tentando comutar para o poema as diversas partes da rede persuasiva.

Sabe-se que "o fato de um texto apresentar marcas de Retórica ou não, nada indica sobre seu valor" (Tringali: 1988), mas diga-se: a Retórica Aristotélica é aplicável à análise de qualquer linguagem, e funciona como método extremamente útil de análise literária, pelos aspectos peculiares que revela de um texto, principalmente daqueles de índole persuasiva.

Sopro épico - Tensão lírica - É fácil perceber no corpo da **Mensagem** o sopro de grandiosidade invejado d'**Os Lusíadas**, a epopéia mãe. Tanto Pessoa quanto Camões, visam contar feitos grandiosos realçando os exemplos por meio de uma teoria do heroísmo, pois não há neles horói que não brilhe, seja pela glória, seja pelo sofrimento, que n'**Os Lusíadas** é coletivo e, na **Mensagem**, coletivizado, visto que o poeta dá voz a um sentimento próprio, sentimento de falta sua que, universalizada pela exaltação épica, passa a ser tomada como geral, embora impulsionada por grande força lírica.

Se Camões procura ressaltar a feição épica e factual de todos os seus reis e heróis, se glorifica a grandeza histórica de Portugal, a voz da **Mensagem** procura lembrar saudosa e melancolicamente um passado embalsamado de heroísmo na interioridade do poeta, e alçar o destino ao futuro que se pretende realizado de grandeza. Se o poeta renascentista vê em Vasco da Gama uma sinédoque do povo português e dele escreve sua crônica histórica, o poeta moderno prefere cantar a nação, interpretar sua crônica e alertar seu povo para a crença de que Deus é o único porto de chegada. Para tanto, fia suas profecias a Bandarra e Vieira, abraça o mito do sebastianismo e o do Quinto Império, cuja origem é o sonho bíblico de Nabucodonosor.

Se pensarmos profeticamente, natural seria o malogro dessa **Mensagem**, posto que o profeta Daniel, revelador de sonhos, nunca foi profeta. Remeto aqui à leitura da Bíblia. Cf. Daniel e Ezequiel. Daniel, apesar de dotado do dom da profecia, não o era de cargo e não integra o rol de profetas do Antigo Testamento. Bom paradigma para a questão é o Apocalipse; ali, João é sujeito de suas profecias ao dizer: "Eu vi..."; "ouvi...", ao passo que Daniel revela apenas sonhos de terceiros.

Não sendo assim, malograria ainda, "porque o país que a recebia, não recebia senão o que não esperava: uma explicação simbólico-religiosa, simbólico-ocultista de um passado que nada mais era senão passado" (Simões: s.d.). Mas se para o país era sem tempo a **Mensagem**, para o Estado militar poderia constituir-se em aparelho do poder, enquanto disseminava ufanismo e persuadia para a crença e esperança de um futuro melhor.

Dada à grandiosa e heróica, não obstante sussurrada lírica e sentimentalmente, a **Mensagem** oferece-se perfeitamente à utilização política na medida em que visa despertar o afã patriótico de seu auditório. Veja-se que Galaaz é a imagem ideal do desejante, e é isto o que na visão do poeta falta a Portugal: um sujeito para o sonho, um sujeito que deseje. Esse chamamento presentifica e nomeia o Desejado. Só ele, por ter a beatitude de Galaaz, mesmo sendo homem, pode ser o sujeito de um desejo e concomitantemente, o objeto de desejo de um sujeito coletivizado. Apenas ele é capaz de viver a gnose de sua verdade histórica e mítica, real e ambígua.

Assim, "tudo é oculto". E apesar do poeta "dizer a si mesmo que nada deve buscar e em nada crer", não pode "evitar que o invada a saudade" (Quillier: 1990) indefinível de menino, que na infância perdera o pai e a pátria; a mesma saudade da esfinge que abre a **Mensagem** ("O dos Castelos") e fita o futuro do passado, pois o que fora conquista portuguesa, é no presente um triste desejo não-relizado.

Interrogativa, ambígua, exclamativa, a voz da **Mensagem** se revela: nem epopéia, nem elegia, talvez um epitáfio feito sermão, instalando-se num espaço do ser e do não ser, um objeto dialético, espaço mesmo do discurso retórico, que se realiza convencendo, comovendo ou agradando.

1. *Convencer* é persuadir através de provas lógicas. Requer um método, uma aparelhagem (Probatio), cujas provas possuam força própria e convençam por si, sem explorações psicológicas do auditório. Essas provas podem ser indutivas (exemplos) ou dedutivas (argumentos).

2. *Comover* é persuadir suscitando paixões no auditório para conduzi-lhe. Esse tipo de prova (ética ou patética) pensa a matéria probatória não em si, mas segundo a psicologia do auditório, mobilizando "provas" subjetivas e

morais. É esse tipo de comportamento que rege todo o aspecto lírico da **Mensagem**.

A rigor, acreditamos que não se deva falar, contudo, em *Retórica do ufanismo*, visto que o poeta, embora ostente o passado de glórias, repudia o presente infeliz; nem em uma Retórica do Nacionalismo, pois o eu-poético repudia a inércia, a falta de sonho, de crença e de desejo daqueles que chama de felizes, "porque são só o que passa" (M.2, p.197). Mais acertado talvez, fosse falar de uma Retórica do Patriotismo.

Identificado o tema, a rede retórica aponta para a *questio* - o que se discute sobre o tema - e nesse momento funda-se a dialética da Mensagem, pois todo discurso retórico pede um outro que a ele se confronte. Pode-se dizer que Mensagem se opõe, não em ato, mas em potência a um discurso contrário representado pela inércia e pelo presente infeliz, carente de glórias. A voz da Mensagem defende um discurso anterior a essa fala do presente. Defende a voz do passado de glórias, voz da saudade que se quer real e futura novamente. É esse o seu propósito persuasivo.

A primeira parte do poema sugere uma previsão do futuro, mas essa previsão sustentada no "Brasão" (campos, castelos, quinas, coroa - marcas de fortificação, cristianismo, realeza) reforça ainda mais o caráter de desgosto com o presente existencial do poeta. Na segunda parte do poema, presente/futuro em relação a "Brasão", canta-se glórias num presente ufano que já não existe concretamente. Passado em relação à terceira parte e à história factual, "Mar Português" assume caráter mítico, tornando-se assim um presente eterno e intocável, capaz de dar passagem para o futuro de "O Encoberto" e condição essencial para o advento do Quinto Império.

Essas noções de tempo (passado, presente, futuro) mantêm estreita relação com a categoria de gênero do discurso retórico. Nota-se traços do gênero político (deliberativo) cuja finalidade é aconselhar, como se vê já no segundo poema, O Das Quinas, ao dizer : Ai dos felizes, que são / só o que passa! (2, p.197). Percebe-se aí a intenção do poeta-orador de aconselhar sobre uma questão futura: (o que há de ser dos felizes...) cujo conselho é expresso nos últimos versos da segunda estrofe ao dizer que A vida é breve, a alma é vasta: / Ter é tardar (2, p. 198)

Percebe-se, ainda, a presença e a fusão de outros traços como o forense, cuja finalidade é acusar ou defender, acusando-se a "falta de sonho" do povo português, ao dizer Ah, quanto mais ao povo a alma falta, / Mais a minha alma atlântica se exalta. (30, p. 212) num reclame exaltado, ou chamando a atenção "daqueles que vivem em casa", cuja sentença, vem expressa no último texto (Nevoeiro); e o castigo é constatar que Portugal é nevoeiro. (Cf. 44, p.221)

É contudo o gênero Epídico ou Laudatório que caracteriza melhor o poema. Esse gênero que refere-se ao tempo presente tem a finalidade de louvar ou censurar; e a Mensagem, já está dito, tem a glorificação patriótica como objetivo precípua. É através das características desse gênero que o poema se solidifica na história da Literatura Portuguesa e Universal, e funda sua própria história como o poema moderno que celebra a grandeza lusitana: grandeza da potência dos mares, da força da mística e da alma nacional.

Os *atechnoi* são as provas extrínsecas ou fora-da-técnica, aquelas que não dependem da criação do autor. São provas concretas, dadas, e que precisam apenas ser manipuladas e valorizadas, como o "Brasão" (com seus campos, castelos e quinas) ou a posição geográfica da Europa; a localização de Portugal, olhos da conquista porque vêm mais longe; os sete castelos que de Ulisses a Dona Filipa de Lancastre, "ventre do império", representam a construção da nacionalidade; "As quinas" que representam as glórias conquistadas com sofrimento e remetem às cinco chagas de Cristo. São provas extrínsecas e persuadem como exemplos a serem lembrados e imitados. Outras provas dessa categoria podem ser relacionadas, bastando para isso, arrolar os elementos factuais e mitológicos utilizados pelo poeta.

Quanto aos *entechnoi*, provas intrínsecas (dentro-da-técnica) são elaboradas segundo as características de seu auditório e só dependem da invenção do autor. Dividem-se em lógicas e psicológicas e são, no caso da Mensagem, as que dominam-lhe a estrutura persuasiva.

A voz da Mensagem se empenha também em despertar as paixões. São as provas patéticas (psicológicas), as mais eficientes, porque convencem através do coração. Exemplos dessas provas podem ser encontrados em todo o poema. As paixões são suscitadas através da comparação implícita que se faz entre os heróis da Mensagem e seu auditório, que deve gratidão,

reconhecimento, e a própria existência, àqueles que às custas de infortúnios, garantiram as glórias e as conquistas portuguesas. Outro modo de despertar paixão utilizado pelo poeta-orador é a construção das dualidades glória-miséria, felicidade- desgraça, consubstanciadas na intersecção de transcendência "GreekMathSymbols" materialidade. Essas paixões, contudo, não vivem só na penumbra e de melancolia. Há no poema lugares de riso e de ironia como se pode ver no poema Dom Pedro, Regente de Portugal (13, p.202).

As provas lógicas dividem-se também em duas espécies: *exemplum* e *entimema*. O *exemplum* é uma similitude, uma analogia persuasiva representada no texto pelos mesmos heróis místicos e/ou reais já citados. São as "imagem", personagens exemplares que devem ser imitadas.

O *entimema* é uma cadeia argumentativa caracterizada pelo silogismo. São os argumentos que justificam o patriotismo, motivo do poema. Simplificando, mas reconhecendo aí possíveis exageros, podemos dizer que a Mensagem compõe, com suas três partes, um extenso silogismo: Toda glória do passado reflete no futuro; ora Portugal teve glórias no passado; logo será o Quinto Império do futuro, cujas premissas são representadas pelos termos:

(médio(gloria do presente))

(menor portugal do presente)

(maior certeza do quinto império- gloria no futuro)

Dispositio - A disposição das partes da Mensagem é retoricamente eficiente: a primeira parte (Brasão) está dividida em cinco médio-fragmentos: "Os Campos", "Os castelos", "As quinas", "A coroa", "O timbre", cujos micro-fragmentos somam dezenove textos. O primeiro desses micro-fragmentos, "O dos castelos" (p. 197) é retomado e desenvolvido adiante em "Os castelos" (p. 198-201) que alarga e fixa a idéia da terra da nacionalidade portuguesa. O mesmo acontece com o micro-fragmento "O das quinas" (p.197) que será retomado e desenvolvido em "As quinas" que representam as armas de Portugal e simbolicamente o início e o fim da dinastia de Avis (D. João I).

O médio-fragmento A coroa representa Nunalvares Pereira, guerreiro e santo, e engloba os castelos e as quinas que são significações contidas no que a coroa representa. Mas note-se bem que essa coroa não é apenas realeza. É Excalibur, o que ilumina e abre o caminho da glória, é o que diverge do "ar azul negro" e, por oposição, o vis/lumbre do Quinto império. O médio-fragmento que termina o poema é "o timbre (p.204-5), insígnia que no brasão português da monarquia encima a coroa e representa o Infante Dom Henrique, Dom João II e Afonso de Albuquerque. Esse timbre, distintivo da identidade lusa, representa a consolidação e expansão portuguesa e engloba os campos anteriores : o **dOs castelos** e o **dAs Quinas**.

Brasão, o primeiro macro-fragmento é o *exórdio* da **Mensagem** e é desenvolvido nas partes seguintes: "Mar português" e "O encoberto". Esse exórdio é minuciosa e genialmente estruturado, contendo em si uma *Techne* completa, que conta com seu próprio *exordio* (A), *narratio* (B), *confirmatio* (C) e *epílogo* (D) que engloba e resume.

O segundo macro-fragmento, marca através da posse do elemento água (mar) um período de criação, conquista e poder. "Mar Português" estrutura-se como a *narratio* que expõe a história dos descobrimentos e como *confirmatio* que busca justificar o que fora negativo nessas descobertas porque, segundo o poeta, ... Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena (29, p. 211)

Elocutio - A elocução é a última etapa da montagem. É a própria escritura e se encarrega de produzir em palavras (*verba*) o material encontrado na *inventio* e na *dispositio*. Essa atividade locatória compreende o ato de compor e polir o discurso. É, na verdade, a procura das palavras que vão vestir artisticamente o conteúdo.

Uma das características do discurso bem realizado é a capacidade de persuadir, encantar, seduzir pelo deleite; pois os ornamentos, sempre do lado da paixão, tornam a palavra sensual e desejável. A Mensagem persuade assim, seduzindo e agradando.

Destaque-se ainda o valor da metáfora em Mensagem. São pelo menos três, as maneiras como esta metáfora se manifesta: ao nível da substituição paradigmática (metáfora-palavra); ao nível de uma tipologia lingüística e poética

(metáforas denominativas que suprem certa carência lexical); e ao nível do enunciado ou da parte do discurso.

Veja-se que os próprios títulos "Mensagem", "Brasão", "Mar", "Encoberto" são metáforas-chave, catalisadoras de atmosferas poéticas.

"Brasão" é iniciado com uma alegoria (O dos castelos) composta por uma cadeia metafórica: "os românticos cabelos " (= os oceanos); "os olhos gregos lembrando"(= recordo do pensamento clássico) e "Ocidente futuro do passado"(= Brasil e Colônias da África Ocidental). No segundo poema (O das quinas) são construídas metáforas por comparação em aproximações que ressaltam as diferenças entre homem e Deus.

É precisamente nesses dois primeiros poemas que se funda a principal e talvez única metáfora (porque globalizante) para o entendimento da Mensagem. É a metáfora por alusão que de certo modo seleciona os seus leitores porque exige deles o conhecimento de fatos históricos, mitológicos, bíblicos e da própria vida enigmática de seu autor

Em Das Quinas convém lembrar da segunda, o poema mais antigo da Mensagem, e que na sua origem tinha o título de Gládio. Essa espada especial de dois gumes constitui-se numa metáfora por comparação também contrastante entre o concreto e o abstrato e significa o poder sobrenatural daquele que deveria empreender a guerra santa. Na quarta das quinas, Dom João - Infante de Portugal é a alma "Virgemente parada", metáfora de pureza e de falta de préstimo em contraste com as almas de seus pares. `

Em "A coroa" faz-se a comparação Galaaz/Nunálvares, cuja espada energizada decepa o "azul negro" do ar. Ar (=céu) é mais uma metáfora do mistério, do ignorado que nesse poema representa a tópica do espiritual e do divino, lugares do sobrenatural. Essa metáfora será repetida de forma diversificada e com outra roupagem em diversos textos como: 3, 4, 9, 12, 13, 17, 18, 35, 37, 39, 41.

A metáfora Mar é também, e ao mesmo tempo, veículo para o sonho e para a esperança portuguesa. Esperança de conquistas materiais e sonho do empreendimento e da manutenção da guerra santa.

"Dom Sebastião" o primeiro d' "Os símbolos" (O encoberto) dá lugar à metáfora temporal. Ler esse texto é assistir o levantar-se de Dom Sebastião

interrompendo o intervalo da "alma imersa", ou o repouso nas "Ilhas Afortunadas". O eu do poema, estando presente, fala de um passado: "caí", "guardei" e remete a um futuro: "regressarei". Mas esse regresso que continuará sendo aguardado já é presente porque seu tempo é o da espiritualidade, é mítico-místico e transcende à noção temporal. Esses elementos são base também para uma metáfora espacial porque presentificam e atualizam o sonho e o desejo do espectro do último rei da dinastia de Avis que se faz onipresente ao atuar n' "Os avisos" em tempos e principalmente em contextos diferentes: Bandarra (1500-1556), Vieira (1608-1697) e Pessoa (1888-1935).

No texto "O Encoberto", um dos mais belos da Mensagem, chama a atenção a construção metafórica de renascer, vir à luz (do "Encoberto") através da gradação: "aurora ansiosa"- "dia já visto"- "sol já desperto" que tece a comparação entre Dom Sebastião e Cristo. Aquele morto e "enterrado" em nome da pátria, este em nome do Pai.

Ambos foram mortos no exercício da proteção da humanidade - cada qual na sua missão - e voltam à luz para assumirem o lugar de origem: um os céus porque na origem era espírito, o outro, Portugal porque na origem era rei. Mas o rei não vem (ainda) e a metáfora do insólito, do sombrio, cobre Portugal que é nevoeiro. E o poeta já quase sem fôlego recobra-se: "É a hora!" e conclama os homens, seus-nossos irmãos, à fraternidade.

Bibliografia

- PESSOA, Fernando - **O guardador de rebanhos e outros poemas**. (Org) Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- TRINGALI, Dante - **Introdução à retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- BARTHES, Roland - A Retórica Antiga. In: COHEN, Jean et alii - **Pesquisas de retórica**. Petrópolis, Vozes, 1975.
- ARISTÓTELES - **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro, Tecnoprint.

- ALMEIDA, Onésimo Teotônio - **Mensagem: uma tentativa de reinterpretação**. Angra do Heroísmo, Direção Reg. dos Assuntos Culturais e Secr.Reg. da Ed. e Cultura, 1987.
- SIMÕES, João Gaspar - **Vida e obra de Fernando Pessoa**. Almadora, Bertrand, s.d.
- OSAKABE, Haqira - Fernando Pessoa e a Tradição do Graal. In: **Remate de Males**. Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp, Campinas, 1988.
- QUILLIER, Patrick - Os címbalos de Pessoa. In: **Colóquio de Letras**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- PADRÃO, Maria da Glória - Pessoa e o Quinto Império. **Persona** 9, Porto, Centro de Estudos Portugueses, 1983.

* Professor de Teoria Literária - Campus de Vilhena - UNIR